26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

AS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS COMO TERCEIRO LUGAR: EXPERIÊNCIAS DA REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS (RNBC)

COMMUNITY LIBRARIES AS THIRD PLACE: *EXPERIENCES FROM REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS (RNBC)*

Helio Márcio Pajeú – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Yasmin Wink Finger – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Priscila de Queiroz Macedo - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Nos últimos anos, as bibliotecas comunitárias da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) consolidaram-se e tornaram-se referências acadêmicas e práticas para diversas tipologias de bibliotecas. Por localizarem-se nas periferias, elas tornam-se lugares para leitura, estudos, acesso à cultura, mas também espaços de segurança, acolhimento, garantia de direitos humanos, acesso à informação e sociabilidade. Este artigo objetiva investigar em que medida as experiências sistematizadas pela RNBC apresentam características associadas ao conceito de biblioteca como um terceiro lugar, a partir da lógica de Oldenburg (1989), Elmborg (2006), Servet (2010), Aguglia (2025), entre outros. Abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, fundamenta-se por análise documental, com corpus de análise as publicações da RNBC: Expedição Leituras (2018) e O Brasil que Lê (2018). Discutiu-se aproximações entre os conceitos a partir da concepção de ser aberta para todos, com potencial de fórum político, a presença de personagens públicos, próximo às casas das pessoas, com conforto e segurança, funcionar como um espaço de risada e carnaval e também como um lugar antropológico. As fragilidades apresentam-se como a potencial precariedade estrutural das bibliotecas comunitárias devido às dificuldades financeiras e potenciais conflitos comunitários e de gestão. Conclui-se que as bibliotecas comunitárias brasileiras da RNBC não tornaram-se terceiros lugares de convivência apenas por causa dessa teoria, mas que sua atuação caracteriza-se e tem potencial de ser um terceiro lugar, a partir da garantia de políticas públicas brasileiras.
Palavras-chave: bibliotecas comunitárias; comunidades de prática; antropologia.

Abstract: In recent years, the community libraries of the Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) have consolidated themselves and become academic and practical references for various types of libraries. Located in the peripheries, they become places for

reading, studying, and access to culture, but also spaces of safety, welcoming, guaranteeing human rights, access to information, and sociability. This article aims to investigate to what extent the experiences systematized by the RNBC present characteristics associated with the concept of the library as a third place, based on the logic of Oldenburg (1989), Elmborg (2006), Servet (2010), Aguglia (2025), among others. Using a qualitative, exploratory, and descriptive approach, it is based on document analysis, with the corpus of analysis consisting of the RNBC publications: Expedição Leituras (2018) and O Brasil que Lê (2018). The discussion explored the similarities between the concepts, starting from the idea of being open to the public, with the potential to be a political forum, the presence of public figures, proximity to people's homes, offering comfort and security, functioning as a space with laughter and carnival, and also as an anthropological space. The weaknesses manifest themselves as the potential structural precariousness of community libraries due to financial difficulties and potential community and management conflicts. It is concluded that Brazilian community libraries within the RNBC have not become third places of conviviality solely because of this theory, but that their actions are characterized by and have the potential to become such a third place, provided Brazilian public policies are guaranteed.
Keywords: community libraries; practical communities; anthropology.

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas comunitárias (BCs) têm se consolidado, nas últimas décadas, como importantes equipamentos culturais e educativos em territórios periféricos brasileiros. Criadas e mantidas pelas próprias comunidades (Machado, 2008), essas iniciativas atuam na promoção do acesso ao livro, à leitura, à informação e à cultura, desenvolvendo ações que fortalecem vínculos sociais, identidades locais e processos de participação comunitária. Nesse contexto, a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) desempenha papel fundamental ao articular experiências de diferentes regiões do país, fortalecendo práticas de mediação de leitura, incidência política, mobilização de recursos, enraizamento comunitário, gestão compartilhada e cuidados com o espaço e acervo.

Paralelamente, o conceito de terceiro lugar, desenvolvido por Ray Oldenburg (1989), tem sido utilizado para compreender espaços de convivência que se situam entre a casa e o trabalho, caracterizados pelo encontro, pela sociabilidade e pela construção de relações comunitárias. Embora o autor não tenha concebido originalmente as bibliotecas como terceiros lugares, estudos posteriores passaram a reconhecer o potencial desses equipamentos para promover pertencimento, diálogo, participação cidadã e fortalecimento do tecido social (Aguglia, 2025; Servet, 2010; Urrutiaguer, 2018).

Diante disso, este artigo busca investigar em que medida as experiências sistematizadas pela RNBC apresentam características associadas ao conceito de biblioteca como um terceiro lugar. Parte-se da hipótese de que esses espaços podem ultrapassar sua função informacional e cultural, constituindo-se como ambientes de encontro, acolhimento e construção coletiva da vida comunitária.

Para alcançar esse objetivo, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, baseada na análise documental de duas publicações produzidas pela RNBC: Expedição Leituras: Tesouros das Bibliotecas Comunitárias no Brasil (Honorato *et al*. 20218) e O Brasil que Lê (Fernandez; Machado; Rosa, 2018). A partir dessas obras, foram identificadas práticas, experiências e características das bibliotecas comunitárias que dialogam com os elementos constitutivos do conceito de terceiro lugar, possibilitando uma aproximação teórica entre os dois campos de estudo.

2 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS E A REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

Historicamente, as bibliotecas comunitárias surgem em territórios periféricos e vulnerabilizados onde o acesso ao livro, à leitura, à cultura e aos equipamentos públicos era insuficiente ou inexistente. Elas são criadas pelos próprios moradores, organizações sociais e lideranças comunitárias, assumindo funções que ultrapassam a guarda de acervos. Seu surgimento é multifacetado, decorrem majoritariamente da lacuna deixada pelo Estado na manutenção de equipamentos públicos, de uma abordagem técnica desvinculada das realidades culturais e do desejo intrínseco das comunidades por espaços de saber autônomos (Fernandez; Machado; Rosa, 2019).

A definição conceitual de Machado (2008) estabelece os critérios essenciais para caracterizar essas instituições: a constituição *pela* e não apenas *para* a comunidade; a atuação focada no combate à exclusão informacional; o processo participativo de gestão; a localização em regiões periféricas; e a autonomia em relação aos entes federativos. São características que consolidam a biblioteca comunitária como um dispositivo de transformação social e um objeto de estudo central para uma Ciência da Informação comprometida com a justiça social.

> [...] um projeto social autônomo que tem por objetivo estabelecer-se como entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro com vistas a sua emancipação social (Machado, 2008, p. 64).

Sung e Hepworth (2013) defendem que o engajamento comunitário não se limita à existência de um espaço físico aberto à população. Para os autores, bibliotecas efetivamente baseadas na comunidade caracterizam-se por uma relação orgânica com o território e pela participação ativa dos moradores em sua construção e desenvolvimento, promovendo atividades como rodas de leitura, saraus, oficinas e eventos literários, ampliando o acesso à cultura e incentivando a formação de leitores. Machado (2008) e Macedo (2018) pontuam que as bibliotecas comunitárias atuam mais focadas em ações culturais para a comunidade do que em serviços de organização e tratamento da informação. Apesar de sua relevância, esses espaços enfrentam desafios, como a escassez de recursos financeiros, a dependência de trabalho voluntário e a falta de reconhecimento institucional.

> As bibliotecas comunitárias se tornam um espaço de reação da própria comunidade no combate às desigualdades informacionais e culturais, sendo uma resposta ao direito humano à leitura e pertencimento do local que estes indivíduos ocupam, resgatando e reforçando a sua identidade cultural, e auxiliando na autoestima dessas pessoas, no momento que se humaniza a periferia (Macedo, 2018, p. 15).

Como um movimento de articulação de mais de 120 bibliotecas comunitárias em todo o país, a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), caracteriza-se como um movimento social que busca articular ações coletivas, planejamentos e reflexões teóricas sobre esses territórios. Uma das principais características dessas bibliotecas é a gestão comunitária, que envolve moradores, voluntários e mediadores de leitura, e fortalece o vínculo entre o espaço e a comunidade, contribuindo para sua sustentabilidade e relevância social (Finger, 2018).

Em 2018, a RNBC publicou duas obras que a descrevem de maneira profunda: Expedição Leituras: Tesouros das Bibliotecas Comunitárias no Brasil (Honorato *et al*. 20218) e O Brasil que Lê (Fernandez; Machado; Rosa, 2018). Nas obras destacam-se os eixos de atuação, que organizam o trabalho nas bibliotecas comunitárias: mediação de leitura, espaço, acervo, enraizamento comunitário, gestão compartilhada, articulação em rede, comunicação, incidência política e mobilização de recursos. Esses elementos demonstram que tais espaços são construídos coletivamente e mantêm estreita relação com os territórios onde estão inseridos, favorecendo o encontro, a participação social, a circulação de saberes e o sentimento de pertencimento, promovendo uma cultura do lugar (hooks, 2022).

A trajetória histórica da RNBC indica a constituição de espaços de convivência e sociabilidade. Sugere-se que a atuação da RNBC fortalece essa característica ao reconhecer as

bibliotecas comunitárias como equipamentos culturais que promovem não apenas o acesso à leitura, mas também o encontro, a participação social e a construção de vínculos comunitários. Nessa perspectiva, o conceito de terceiro lugar mostra-se uma possibilidade analítica para compreender aspectos presentes na experiência histórica dessas bibliotecas.

3 O TERCEIRO LUGAR

Nos anos 80, Ray Oldenburg, ao analisar o contexto urbano norte-americano, compreendeu que as pessoas possuíam um primeiro lugar de convivência, que seriam suas casas, um segundo lugar que seria o trabalho e que precisavam de espaços de vivência comunitária, que mobilizam trocas espontâneas e vínculos sociais, ato em declínio na sociedade contemporânea. O autor abordou os perigos da vida conectada e mediada pela tecnologia, distante das experiências sociais e coletivas.

As características do terceiro lugar envolvem: ser acessível, neutro e que facilite o diálogo e o encontro. Esses ambientes funcionam como “lugares antropológicos” (Augé, 1994), pois oferecem: identidade (ambiente reconhecível e marcante), relação (proximidade entre pessoas), memória (referências sensoriais ao passado). Além de possuírem os “personagens públicos”, como pessoas que mediam o espaço e as relações sociais, se importam com todos, mantém um olho nas crianças e comunicam-se entre os moradores. O autor reforça que um terceiro lugar tem potencial de fórum político para discussões dos bairros e comunidades, sobretudo de circulação da informação e intercâmbio cultural.

Oldenburg (1989) não fala em bibliotecas como terceiro lugar, mas sim em espaços de comércio, sobretudo com comida e bebida, como cafeterias e bares, pois são, segundo ele, “de baixo custo de construção e manutenção”. Elmborg (2011), questiona essa ideia ao afirmar que são espaços de consumo, portanto, não acessíveis a todos, desestimulando que pessoas de baixa renda frequentem.

Os espaços que são um terceiro lugar promovem uma “zonas de triagem”, portanto abrigam pessoas de diversos grupos e classes sociais que descobrem-se nesses lugares, gerando posteriormente outros espaços de convívio mais nichados. Conceito que aproxima-se de Elmborg (2006) ao citar a biblioteca como uma “zona de contato” entre as pessoas, distanciando-se de um lugar de medo de poder e aproximando-se uma biblioteca que cria carnavais, ou seja, que promove a risada como um antídoto, na orientação Bakhtiniana, ao medo e o poder, sobretudo com pessoas vistas inadequadas (Elmborg, 2006).

Urrutiaguer (2018) destaca que o modelo comunitário participativo induzido por essa referência supõe uma diversificação da disposição dos espaços que busca contemplar a diversidade de práticas dos usuários ou leitores (no contexto francês): zonas de silêncio coexistem com áreas de trabalho informal, salas destinadas a reuniões ou convivência em cafés. Assim, segundo Urrutiaguer (2018), a organização espacial das bibliotecas terceiro lugar, pode ser analisada a partir da distinção entre espaços frios e espaços quentes, categorias que evidenciam diferentes formas de uso e apropriação desses ambientes pelos públicos. Os espaços frios correspondem às áreas destinadas aos estudos, à leitura silenciosa, à consulta de acervos e aos serviços tradicionais da biblioteca, nas quais predominam a concentração, a individualidade e a relação mais formal com a informação e o conhecimento. Os espaços quentes, por sua vez, referem-se aos ambientes voltados à convivialidade, à interação social, ao lúdico e aos processos de aprendizagem colaborativa e dialógica. Nesses espaços, a biblioteca amplia sua função para além do acesso à informação, ao favorecer o encontro entre sujeitos, a troca de experiências, a construção coletiva de saberes e o fortalecimento dos vínculos comunitários. A distinção apresentada no trabalho do autor não estabelece uma oposição excludente entre essas duas dimensões, mas evidencia a necessidade de equilíbrio entre elas, de modo que a biblioteca possa atender simultaneamente às demandas de estudo e às práticas de sociabilidade e participação cultural, assim como ocorre nas bibliotecas comunitárias.

Essa perspectiva convida a reconsiderar a biblioteca como um lugar de coesão social entre seus usuários, aberto para o mundo e suas transformações. Assim, redefine a relação com o público e as formas de acolhimento, pois seus serviços são diversificados e pensados com mais atenção às necessidades dos moradores dos territórios, aos quais é convidado um papel mais ativo por meio da noção de participação. Isso abre caminho para o desenvolvimento de novas competências e para a familiarização com novos métodos de trabalho, do design de serviços à experiência do usuário atravessados pela colaboração de serviços, experimentação e pela cultura “maker” (Gilbert; Moulin, 2022).

Embora Ray Oldenburg não tenha incluído a biblioteca entre os exemplos de terceiros lugares em suas obras, outros estudiosos passaram a reconhecê-la como um espaço que reúne características compatíveis com esse conceito. Servet (2010) ao discutir o trabalho do historiador britânico das bibliotecas Alistair Black (2008) defende que as bibliotecas sempre desempenharam funções típicas dos terceiros lugares, pois segundo ele, elas “representam espaços neutros, que atenuam as divisões sociais; são ambientes geralmente simples,

comunitários; constituem territórios familiares, confortáveis e acessíveis, que favorecem a interação, a conversa (dentro de certos limites) e uma atmosfera agradável; são frequentadas por 'habitués' e funcionam como uma segunda casa, aliviando os indivíduos da rotina cotidiana, proporcionando conforto e distração" (Black, 2008 *apud* Servet, 2010, p. 60). Assim, essa flexibilidade espacial é uma resposta contemporânea à diversidade cultural, informacional e comportamental presente nos grupos socialmente organizados e nos territórios que aparecem com nitidez nas bibliotecas comunitárias brasileiras.

> Pode-se, portanto, esperar de uma biblioteca de terceiro lugar que ela se concentre sobretudo no público e que desenvolva em seu interior atividades complementares à leitura, posicionando-se assim na continuidade da mediateca: por exemplo, espaços dedicados a jogos de tabuleiro ou a videogames, oficinas de trabalhos manuais, clubes de leitura, de teatro ou ainda de costura, para citar apenas alguns exemplos. O livro já não seria necessariamente o objeto central da biblioteca, que passaria a oferecer muitos outros serviços e objetos (Aguglia, 2025, p. 15).

Portanto, buscou-se nesta seção compreender o conceito de terceiro lugar, mas também analisá-lo a partir de outras experiências que permitem robustecer a perspectiva deste conceito, a fim de vê-lo por suas características como espaço de memória, de construção de identidade, de sociabilidade, entre outros.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa (Flick, 2004), de caráter exploratório (Braga, 2007) e descritivo (Cervo; Bervian, 1996), coleta de dados bibliográfica e fundamentada na análise documental (Cellard, 2008). A pesquisa busca compreender de que forma as bibliotecas comunitárias vinculadas à Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) se configuram como terceiros lugares de convivência, considerando suas práticas socioculturais, educativas e de fortalecimento comunitário.

Como corpus de análise foram utilizadas duas publicações produzidas pela RNBC: Expedição Leituras, publicado em 2018, a obra apresenta o registro de encontros, cartas e registros dos saberes da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias a partir dos seus eixos de atuação e O Brasil que Lê, publicado em 2019, por Cida Fernandez, Elisa Machado e Ester Rosa, a obra apresenta uma pesquisa realizada com 143 bibliotecas comunitárias brasileiras, das quais 65% integram a RNBC, que participou ativamente da pesquisa, incluindo uma das pesquisadoras desta publicação. Essas obras foram escolhidas por sistematizar experiências, metodologias, práticas de mediação e formas de atuação das bibliotecas comunitárias em diferentes regiões

do país, constituindo importantes registros da trajetória e da identidade do movimento. As obras são as duas publicações de impacto e registro público da RNBC, por conta disso foram selecionadas para análise, que foi realizada pelos pesquisadores.

A análise seguiu as etapas: 1 - Leitura integral das obras; 2 - Definição de categorias de análise identificadas a partir do seu potencial de definir o conceito de terceiro lugar e outras categorias para o conceito de bibliotecas comunitárias; 3 - Com o corpus em mãos, buscou-se os termos característicos dos conceitos nas obras e coletando trechos que o descrevesse. No capítulo de Resultados, a Tabela 1 apresenta essas coletas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da estrutura metodológica deste artigo, foi possível construir um quadro com as categorias descritivas de Terceiro Lugar, Bibliotecas Comunitárias e os trechos que exemplificam a construção teórica como última coluna, a partir das obras Expedição Leituras e O Brasil que Lê. Serão detalhadas demais informações sobre cada linha ao final da Tabela 1.

Quadro 1 – Aproximações entre características de Terceiro Lugar e Bibliotecas Comunitárias da RNBC

Característica Terceiro Lugar	Característica BC	Exemplo
Espaço neutro (Oldenburg)	Espaço político, mas sem vínculo governamental	"Vínculo no momento da criação: 22,4 % - Associações, sindicatos, (Ongs em geral); 35,7% Coletivos e grupos de pessoas; 18,9% Grupo religioso; 30,8% Movimento social e 3,5% Partido político" (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p. 29).
Aberto para todos (Oldenburg)	Aberto para toda a comunidade, mas com restrições de horário e equipe	95,1%, afirmaram que abrem para o público em geral, 79,7% abrem de segunda a sexta-feira, 16,1% abrem alguns dias por semana, 7% abrem em horário noturno, 20,1% abrem sistematicamente aos sábados, enquanto 2,8% abrem quinzenalmente aos sábados, 7% abrem também aos domingos, 88,1% dispõem de banheiro aberto ao público (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p. 56).
Potencial de fórum político (Oldenburg)	Função política de acesso à informação	"Pra mim, [a biblioteca] é um espaço de resistência e diálogo, não é só um espaço de empréstimo. É um espaço de formação, de informação sobre direitos, cumpre também uma função política (GF08)" (Fernandez, Machado; Rosa, 2018, p.96).

Personagens públicos (Jane Jacobs)	Mediadores de leitura e demais integrantes da equipe das bibliotecas	Mediadores têm muita familiaridade com as pessoas que frequentam o local. Conhecem pelo nome, são vizinhos, participam das mesmas festividades no bairro, integram as mesmas lutas por direitos. Têm trajetórias similares na conquista do direito à leitura (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p. 74-75). "57% dos mediadores e mediadoras das BCs são moradores do bairro; 46% desses mediadores participam de forma voluntária nas ações da biblioteca" (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p. 106).
Próximo às casas das pessoas (Oldenburg)	Relação da biblioteca com a casa e a rua	"No geral, aqui é o único lugar que tem atividades para elas frequentarem […] (GF00)" (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p. 33). "A biblioteca para mim era como uma segunda casa; um lugar para onde eu vinha e me sentia muito à vontade. Só que era uma casa cheia de histórias (GF09)" (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p. 62). "Quem frequenta a biblioteca afirma que lá é sua segunda casa, um lugar aconchegante, um lugar de convivência e que identifica como seu" (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p. 74). O fato das bibliotecas estarem no centro de seus territórios, próximas de grandes núcleos residenciais lhes confere a condição de boa localização, já que são de fácil acesso diário para crianças, jovens e adultos moradores que circulam no seu entorno (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p 31).
Conforto e segurança (Oldenburg)	Espaço como eixo estruturante de discussão da RNBC	A biblioteca com a "cara da comunidade" precisa de: Mobiliário: procure adquirir um mobiliário adequado para o público atendido (exemplo: estantes, mesas e cadeiras na altura das crianças); Equipamentos: tente disponibilizar pelo menos um computador para a organização do acervo; Infraestrutura: garanta que o ambiente não tenha mofo e que a pintura, a ventilação e a iluminação sejam adequadas; Ambientação: o principal é o livro. Cuidado com o excesso de materiais decorativos, mas são muito bem-vindos tapetes, almofadas e pufes confeccionados pela comunidade, ou construídos a partir de materiais recicláveis; Dinamização: construa uma programação com atividades atrativas para os diferentes leitores e horários de funcionamento, de acordo com a demanda da comunidade; Visibilidade: coloque uma placa na porta com o nome da biblioteca, de preferência em um local em que as pessoas que estejam passando na rua

		vejam; Acessibilidade: deixe a porta aberta para a comunidade e possibilite o acesso aos diferentes públicos (Honorato *et al*., 2018, p. 44).
Risada, carnaval (Bakhtin)	Leituras compartilhadas e demais atividades culturais	A marca mais forte do modo de ler na biblioteca são as sessões de leitura compartilhada. A biblioteca é o lugar em que se lê em grupos, em voz alta e depois se conversa sobre livros, autores ou gêneros preferidos. As histórias e a palavra poética são comunicadas em rodas de leitura, saraus, slams, que ocorrem dentro e fora da biblioteca (Fernandez, Machado; Rosa, 2018, p.124).
Lugar antropológico: relação, memória e identidade (Augé)	Biblioteca comunitária com a cara da comunidade que transforma a visão que se tem sobre aquele lugar	Lá fora, eu já tive vergonha de dizer que moro no [...]. Porque todo dia era página policial [...]. Só tinha a questão da violência. E, há muito tempo, isso mudou na minha vida. [...] a partir dessa biblioteca aqui, que ajuda a disseminar uma outra postura, um outro lugar (GF10) (Fernandez, Machado; Rosa, 2018, p.34). "Sinto que a biblioteca comunitária modifica o olhar das pessoas de fora para a própria comunidade" (GF09) (Fernandez, Machado; Rosa, 2018, p.98). "As ações positivas realizadas pela biblioteca junto com os outros grupos e instituições [...] têm, de fato, modificado o olhar das pessoas sobre a comunidade" (GF03) (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p 35). Ainda no campo de letramentos locais, pudemos constatar a existência de bibliotecas que priorizam, por exemplo, o resgate das memórias e identidade coletivas do bairro, servindo de espaço para o registro de histórias de seus moradores (GF04). Também encontramos bibliotecas que priorizam ações voltadas ao fortalecimento da identidade étnica (GF06, GF10) (Fernandez, Machado; Rosa, 2018, p.85).
Atividades complementares à leitura (Aguglia)	Biblioteca com ação cultural	[...] a biblioteca da gente é totalmente desconvencional, das bibliotecas que a gente conhece do centro, onde as pessoas chegam no balcão, pegam o livro lá no balcão, não têm acesso ao livro ou que não pode fazer zoada. É uma biblioteca que você chega lá especificamente pra ler, aqui tem dança, tem teatro, capoeira, tem leitura, tem roda de diálogo, cinema de debate, cinema pra criança. Tem atendimento à saúde (Fernandez, Machado; Rosa, 2018, p.62). Coleções que compõe os acervos: Livros de literatura 100%; Literatura de cordel 74,8%; Obras de referência 93,7%; História, artes, ciências sociais 81,8%; Autores e assuntos regionais 75,5%; Filmes e música 73,4%; Jogos

		e brinquedos 66,4%; Objetos históricos 42,7% (Fernandez, Machado; Rosa, 2018, p.43). Atividade: Brincadeiras e jogos 69,9%; Contação de histórias com livro 90,9%; Contação de histórias sem livro 67,1%; Desenho e pintura 67,1%; Empréstimo de livros 90,2%; Leitura fora da biblioteca 73,4%; Oficinas temáticas 71,3%; Pesquisa escolar 61,5%; Recital e saraus poéticos 60,8%; Rodas de leitura 70,6% (Fernandez, Machado; Rosa, 2018, p. 48).

Fonte: elaboração das autoras, (2026)

Como apresentado, as bibliotecas comunitárias não possuem vínculo direto com o Estado, partidos políticos ou grupos religiosos; no Brasil, elas surgem com uma posição política de garantia de direitos humanos, portanto, postulando e demarcando sua posição política no mundo. A enunciação da RNBC apresenta múltiplos discursos sociais, sobretudo da "falta de políticas públicas para bibliotecas comunitárias [...] Esses argumentos buscam defender uma pauta ao traçar um caminho que aproxima as práticas das bibliotecas comunitárias com uma necessidade presente em todo ser humano: o de viver em uma comunidade" (Finger, 2026, p. 91). Como pontua Bakhtin (2006), ao enunciar responde-se à algo, prolonga-se ao que se precedeu, ou seja, é uma reação.

A prática escrita e comunicada da RNBC já é um ato político, mas sem ser partidário ou mobilizador de ações para além da garantia de direitos humanos, ou seja, aliado à perspectiva de fórum político, pois "um país requer bibliotecas que (...) por meio do debate público sobre temas que dizem respeito aos cidadãos, provoquem a reflexão, a crítica e o questionamento e sejam instrumentos capazes de apoiar, sem qualquer tipo de pressão, a tomada de consciência e a real formação cívica e cidadã" (Castrillón, 2011, p. 81).

Diferente das experiências citadas pelo autor dos espaços como terceiro lugar, como cafeterias e livrarias que visam o lucro, as bibliotecas caracterizam-se como um território que tem como objetivo as práticas de mediação de leitura, portanto, experiências políticas de movimentação social e educação, que objetivam reunir as pessoas para leituras em uma compreensão política do ato. A literatura é concebida, conforme as publicações da RNBC, como uma ferramenta tanto subjetividade quanto social.

Em relação à abertura das bibliotecas comunitárias, identificou-se que sim, elas têm um caráter de uso público, mas não costumam abrir aos finais de semana. Seus personagens

públicos são mediadores de leitura, bibliotecários, educadores, sobretudo as pessoas que inauguram a biblioteca em sua comunidade, essencialmente pelo olhar que possuem de que faltam lugares de informação, cultura, educação e arte próximos às pessoas. Eles mantêm um olho nas crianças, acompanham seu crescimento, auxiliam famílias, mobilizam arrecadações de materiais e são agentes comunitários envolvidos em ações de educação, cultura e assistência social a partir da biblioteca comunitária. Diferente dos "public characters" citados por Oldenburg (1989), o vínculo criado pelos mediadores de leitura das bibliotecas comunitárias sobressai o âmbito comercial e define-se como uma troca entre educadores e educandos ou vizinhos garantindo acesso a um serviço de uso público.

A biblioteca comunitária possui um vínculo direto com a concepção de casa, pela ausência de grandes muros ou construções públicas, pelo caráter arquitetônico das BCs como uma casa do bairro (porque muitas vezes já foi uma casa). Os trechos extraídos revelam um compromisso com a biblioteca como um equipamento de cultura, literatura, educação e arte, mas também um equipamento de segurança pública, garantindo atividades e espaços de convivência, entre outras ações para que o público sinta-se à vontade para socializar.

Por não possuírem vínculo direto governamental, as BCs ainda passam por desafios estruturais nos espaços, como falta de recursos financeiros, casas com dificuldades estruturais e poucos recursos. No entanto, relatam a necessidade de um espaço acolhedor, organizado e limpo, conforme analisado na obra Expedição Leituras, um dos eixos estruturantes do movimento da RNBC é o espaço, mostrando que há reflexão teórica e debate sobre o cuidado com o espaço e uma busca por mantê-lo de maneira atrativa, confortável e com a cara da comunidade. A rede compreende que o cuidado com espaço é um dos motivos que fazem as pessoas frequentarem ambientes públicos: se sentir confortável, seguro e curioso.

A alegria, a expressão artística e o coletivo são percebidos nesse processo, seja pela maneira como referem-se à biblioteca e a região em que fazem parte, seja pela constituição das atividades, pelo cuidado em manter um serviço público que oferece literatura e cultura. É um lugar de crianças, risadas e cultura. Um contraponto à ideia de sofrimento e pobreza atrelada às favelas brasileiras, sem perder sua essência. Isso reflete que as BCs são um exemplo de que é possível construir bibliotecas vivas, sem perder a perspectiva de valorização da formação de leitores, através da escuta dos leitores, da proposta diversa de ações, do acolhimento e da construção de um espaço envolvente.

A BC como um lugar antropológico, que se constitui pela relação com o outro, a salvaguarda da memória e a construção de novas identidades, destaca-se pela modificação do olhar para o lugar que se vive, visto que a ressignificação do território parte não só de si, valorizando de onde se vêm e tendo orgulho de dizer ser dali, mas também dos outros que ampliam as visões sobre o local. Cultura, educação, literatura e arte são vistas pela constituição neoliberal da sociedade como processos de posse do capital, por isso a biblioteca comunitária pode ser o lugar em que os moradores do local reivindicam a expressão cultural, literária, educacional e artística.

A memória de um bairro é marcada por disputas, seja pelo apagamento ou modificação de histórias ao bem do capital para manutenção das correntes da população. As bibliotecas possuem comprometimento em serem locais de guarda e registro da memória local, a partir de encontros de diálogos entre moradores, guarda de material histórico, registros fotográficos, entre outros. Portanto, ser espaço de memória é uma das funções das bibliotecas comunitárias brasileiras, seja em uma perspectiva de resistência, seja de guarda ou seja para a construção de um futuro possível.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas comunitárias podem ser compreendidas como espaços que dialogam com a noção de terceiro lugar, ao promoverem sociabilidade, convivência e engajamento comunitário para além de suas funções informacionais e culturais. Isso não significa dizer que elas se tornaram terceiros lugares de convivência apenas por conta das teorias sobre o conceito, mas que sua trajetória histórica evidencia a constituição de espaços de convivência e sociabilidade em comunidades.

A atuação da RNBC fortalece a característica de terceiro lugar ao reconhecer as bibliotecas comunitárias como equipamentos culturais que promovem não apenas o acesso à leitura, mas também o encontro, a participação social e a construção de vínculos comunitários. Dessa forma, o conceito de terceiro lugar oferece uma lente teórica capaz de interpretar práticas que já estavam presentes na experiência histórica dessas bibliotecas. Para além disso, a RNBC constituiu uma cultura do lugar, conforme o conceito de bell hooks, e ao fazer isso, mobiliza um espaço em que as pessoas têm previsibilidade dos processos.

Discutiu-se aproximações entre os conceitos a partir da concepção de ser aberta para todos, com potencial de fórum político, a presença de personagens públicos, próximo às casas

das pessoas, com conforto e segurança, funcionar como um espaço de risada e carnaval e, também, como um lugar antropológico. As fragilidades apresentam-se com a ausência de um espaço neutro, por conta da ação política da RNBC.

Os desafios de financiamento do espaço também devem ser levados em conta, pois podem levar à ambientes precários, horários reduzidos devido a equipe reduzida e a dependência de financiamentos públicos e privados, levando ao fechamento das bibliotecas. Além disso, aspectos de caráter humano, como conflitos comunitários e desigualdades internas de gestão também podem impedir a continuidade das atividades do espaço. Essas problemáticas poderiam ser resolvidas com investimento público, que ultrapasse a lógica de editais pontuais destinados às bibliotecas comunitárias, bem como pela oferta de formação continuada às equipes, contribuindo para a crescente profissionalização dos mediadores de leitura.

A biblioteca comunitária é um terceiro lugar não só de sociabilidade, identidade e construção comunitária, mas também que favorece a circulação da informação por conta do seu acervo e articulações locais e produz mediação cultural e informacional através das atividades culturais e de mediação de leitura. Conclui-se que as bibliotecas comunitárias brasileiras da RNBC não se tornaram terceiros lugares de convivência apenas por conta dessa teoria, mas que na sua atuação há potencial de ser um terceiro lugar, a partir da garantia de políticas públicas brasileiras.

REFERÊNCIAS

AGUGLIA, L. **Le troisième lieu en questions**: l'exemple de la bibliothèque parisienne Louise Michel. 2025. Mémoire (Master 2 Métiers du livre et de l'édition) – Université Paris Nanterre, Paris, 2025.

AUGÉ, M. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BLACK, A. Socially controlled space or public sphere 'third place'? Adult reading rooms in early British public libraries. *In:* KOREN, M. (org.). **Working for Five Star Libraries***:* International Perspectives on a Century of Public Library Advocacy and Development. [*S. l.*]: Vereiniging openbare bibliotheken/Biblion, 2008. p. 27-41.

BRAGA, K. S. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. *In:* MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 17-38.

CASTRILLÓN, S. **O direito de ler e de escrever.** São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CELLARD, A. A análise documental. *In:* POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CERVO, A.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 4 ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

ELMBORG, J. K. Libraries as the spaces between us: recognizing and valuing the third space. **Reference & User Services Quarterly**, [*s. l.*], v. 50, n. 4, p. 338–350, 2011. DOI: 10.5860/rusq.50n4.338. Disponível em: https://journals.ala.org/index.php/rusq/article/view/3297. Acesso em: 21 maio 2026.

ELMBORG, J. K. Libraries in the contact zone: on the creation of educational space. **Reference & User Services Quarterly**, [*s. l.*], v. 46, n. 1, p. 56–64, 2006. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/20864600. Acesso em: 2 maio 2026.

FERNANDEZ, C.; MACHADO, E.; ROSA, E. **O Brasil que lê:** bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. Olinda: CCLF; RNBC, 2018. Disponível em: https://rnbc.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Ebook-OBrasilquele.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022.

HONORATO, C.; SILVA, C.; GUARILHA, J.; SOUZA, J.; CAVALCANTE, M.; SILVA, A. B.; ANDRADE, R.; DAMASCENA, T.; ROCHA, V.; SOUSA, V. **Expedição leituras**: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil. São Paulo: RNBC; Instituto C&A; Itaú Social, 2018. Disponível em: https://rnbc.org.br/publicacao/expedicao-leituras/. Acesso em: 9 fev. 2022.

FINGER, Y. W. **Formação de leitores e bibliotecas comunitárias: um olhar à práxis emancipatória**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/182020. Acesso em: 9 fev. 2022.

FINGER, Y. W. Práticas de Mediação de Leitura Literária nas Bibliotecas Comunitárias da Rede Nacional De Bibliotecas Comunitárias (RNBC). *In:* MARTINS, L. M. B.; FRANCISCO, A. J.; SILVA, R. L. (org.). **Mediação literária**: leitura na biblioteca. Lavras, MG: Editora Educação Literária, 2026. Disponível em: https://cilij.org/e-books/mediacao-literaria-leitura-na-biblioteca/. Acesso em: 11 jun. 2026.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GILBERT, R.; MOULIN, M. O terceiro lugar: como a crise nos levou a repensar este modelo. *In:* GILBERT, R. (org.). **Pensando sobre a biblioteca de mídia em uma situação de crise**. Paris: Éditions de la Bibliothèque publique d'information, 2022.

HOOKS, B. **Pertencimento:** uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2022.

MACHADO, E. C. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.html. Acesso em: 9 mar. 2026.

MACEDO, P. Q. **Bibliotecas comunitárias:** agentes de resistência nas periferias. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/189756. Acesso em: 9 mar. 2026.

OLDENBURG, R. **The great good place**. 2. ed. New York: Marlowe & Company, 1989.

SERVET, M. Les bibliothèques troisième lieu. **Bulletin des Bibliothèques de France (BBF)**, Paris, n. 4, p. 57-63, 2010.

SUNG, H. Y.; HEPWORTH, M. Community engagement in public libraries: practical implications. *In:* **MERGERS and alliances: the operational view and cases**. Bingley: Emerald Group Publishing Limited, 2013.

URRUTIAGUER, D. Le modèle du troisième lieu appliqué aux bibliothèques municipales: quels déplacements de frontières? *In:* **BIBLIOTHÈQUES en mouvement**: innover, fonder, pratiquer de nouveaux espaces de savoir. Villeneuve-d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2018. p. 93–106.